

**FUNDAÇÃO UNIRG
UNIVERSIDADE DE GURUPI**

**CAMILLA CARDOSO ALENCAR
EDUARDA DANTAS NEIVA**

**O PAPEL DO PSICOLOGO FRENTE A VIOLÊNCIA
OBSTÉTRICA NO BRASIL**

**GURUPI – TO
NOVEMBRO, 2024**

Anexo XXI

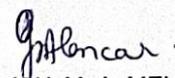


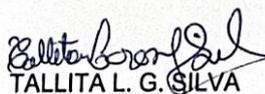
**O PAPEL DO PSICÓLOGO FRENTE A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO BRASIL
(BIBLIOGRÁFICA)**

Este Artigo foi aprovado em 28/11/2024, como parte das exigências para obtenção do título de psicólogo.

BANCA EXAMINADORA


TANIA MARIA LAGO
(Orientadora)


GENSILANA M. A. MENUCELI
Examinador 1


TALLITA L. G. SILVA
Examinador 2

Gurupi, 28/11/2024 .

RESUMO

O PAPEL DO PSICOLOGO FRENTE A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NO

BRASIL. Camilla Cardoso Alencar¹; Eduarda Dantas Neiva¹; Tânia Maria Lago².
(¹Acadêmicas do Curso de Psicologia da Universidade de Gurupi, Gurupi-TO;
²Orientadora, Professora Mestra do Curso de Psicologia da Universidade de Gurupi, Gurupi-TO).

O artigo discute a violência obstétrica, caracterizada como práticas verbais, físicas e psicológicas que impactam mulheres grávidas durante o parto, puerpério ou aborto. Este estudo analisou o papel do Psicólogo diante da violência obstétrica, tendo como objetivo principal explorar suas possíveis intervenções. A metodologia adotada consistiu em uma pesquisa bibliográfica, por meio de uma revisão integrativa da literatura dos últimos 10 anos. Os dados foram coletados em bases gratuitas, como a Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Acadêmico e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), esta última com foco em publicações da área de Psicologia. Os resultados indicaram que o conceito de violência obstétrica é amplamente reconhecido pelos autores, com um consenso de que ela envolve ações verbais, físicas e psicológicas, deixando marcas e traumas nas mulheres afetadas. Nesse contexto, o trabalho dos Psicólogos em ambientes hospitalares se mostrou fundamental. Identificou-se, como principal lacuna teórica, a carência de estudos sobre as possíveis atuações da Psicologia por meio de instrumentos específicos, como testes projetivos e expressivos, para identificar vítimas desse tipo de violência. Com isso, espera-se que os psicólogos possam ir além da escuta e acolhimento, realizando avaliações que forneçam dados relevantes para novas pesquisas.

Palavras-chave: Parto. Psicologia. Violência Obstétrica.

ABSTRACT

The article addresses obstetric violence, defined as verbal, physical, and psychological actions that affect pregnant women during childbirth, the postpartum period, or abortion. This study analyzed the role of psychologists in confronting obstetric violence, with the main objective being to explore their possible interventions. The methodology employed was a bibliographic study through an integrative literature review of the past 10 years. Data collection was conducted through free access databases, including the Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Scholar, and Electronic Journals in Psychology (PePSIC), the latter specializing in publications within the field of Psychology. The results showed that the concept of obstetric violence is consistently defined by authors, with consensus that it involves verbal, physical, and psychological actions, causing trauma and lasting effects on affected women. In this context, the role of psychologists within hospital settings is crucial. The primary theoretical gap identified was the scarcity of studies on how Psychology can act using its specific instruments, such as projective and expressive tests, to identify victims of this type of violence. This approach would enable psychologists to go beyond listening and providing support by conducting psychological assessments that could offer data for further research.

Keywords: Childbirth. Psychology. Obstetric Violence.

1. INTRODUÇÃO

A violência obstétrica ocorre em ambientes de saúde, durante o atendimento a mulheres grávidas, envolvendo as etapas da gestação e do parto. A expressão "obstétrica" refere-se ao contexto específico em que essa violência é realizada (Palma; Donelli, 2017).

De acordo com Silva e Araújo (2017), é uma violência manifestada através de agressões verbais, físicas e psicológicas contra mulheres grávidas durante o parto, puerpério ou em casos de aborto. Embora seja um tema discutido com repercussão atualmente, essa prática já era do cotidiano da experiência de gestantes.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014), relata que muitas mulheres sofrem violência, abusos, ofensas e desrespeito durante um dos momentos mais aguardados: a gravidez. As consequências desse sofrimento são graves, podendo levar a traumas, baixa autoestima, insegurança, incapacidade e até mesmo depressão pós-parto.

A escolha deste tema foi motivada pela necessidade de que futuros psicólogos aprofundem seu conhecimento sobre a violência obstétrica, já que, conforme indicado pela literatura, essa forma de violência é muitas vezes silenciada pelas próprias vítimas. Ao dar visibilidade a essa questão por meio de pesquisas e estudos, podemos contribuir para a redução de sua incidência e promover melhorias no atendimento obstétrico.

Nesse contexto, espera-se que este estudo contribua para o aprofundamento do conhecimento sobre o tema, destacando o papel do psicólogo nos casos de violência no Brasil. Assim, os profissionais, especialmente aqueles que atuam na Psicologia da Saúde, poderão ajudar a garantir que a violência não seja mais vista como algo trivial ou corriqueiro nos diferentes contextos em que ocorre.

A pesquisa tem como objetivo principal analisar o Papel do Psicólogo no Enfrentamento da Violência Obstétrica, considerando sua relevância na transformação desse cenário que ainda perpetua a ocorrência desse tipo de violência. A problemática da pesquisa foca, portanto, no ambiente hospitalar e nas diversas formas de manifestação da violência obstétrica.

A partir desse contexto e da problemática levantada, surgiram outros objetivos secundários, como: esclarecer os conceitos e indicadores que caracterizam a violência obstétrica, apresentar pesquisas recentes sobre o tema, identificar as consequências para as mulheres que sofrem essa violência e discutir possíveis intervenções da

Psicologia.

Considerando o contexto da Psicologia hospitalar e a problemática da violência obstétrica, a questão central que guiará esta pesquisa é: Quais são as possíveis intervenções do psicólogo diante de casos de violência obstétrica?

2.REVISÃO DA LITERATURA

2.1 VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: DEFINIÇÃO

O surgimento da violência obstétrica está propriamente ligado a diversos fatores históricos, sociais e culturais que levaram a experiência da maternidade ao longo do tempo. A insensibilização diante ao parto, e a ausência de consentimento informado auxiliaram para a aceitação de práticas abusivas, como a falta de comunicação e o desrespeito aos desejos da mulher (Andrade, 2022).

O tema ganhou maior destaque e se tornou um foco de atenção, principalmente da mobilização de movimentos sociais que defendem os direitos das mulheres, como grupos feministas e organizações de saúde. Esse processo foi importante para o reconhecimento do respeito e autonomia da mulher durante o parto (Ribeiro, 2017).

A sociabilização do parto consiste em respeitar a experiência de cada mulher, levando em consideração que elas tenham um papel ativo nas decisões relacionadas ao seu cuidado. Essa abordagem valoriza a autonomia e a capacidade de escolha das gestantes, ao mesmo tempo em que promove uma interação mais colaborativa e menos autoritária com os profissionais de saúde (Pereira *et al.*, 2016).

De acordo com Diniz (2015), a violência obstétrica tem como definição, qualquer forma de desmoralização, abuso ou agressão direcionada à mulher no ciclo gravídico-puerperal ou ao seu bebê, praticada por profissionais de saúde. Essa violência viola os direitos da mulher, desrespeita sua autonomia, sentimentos, escolhas e preferências.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2014) conclui que a violência e os abusos podem ocorrer de várias maneiras, incluindo abusos verbais, humilhações, violência física e a realização de procedimentos médicos sem consentimento.

Conforme apontam os estudos, é primordial compreender esse tipo de fatalidade, pois se trata de uma agressão silenciosa, em que a mulher passa, mas que gera intenso sofrimento (Barboza; Mota, 2016).

Compreendida a definição conceitual da violência obstétrica, torna-se necessário explorar alguns de seus indicadores por meio de relatos de vítimas. Isso permite que

futuros psicólogos identifiquem claramente quando essa violência ocorre no contexto em que atuam.

2.2 INDICADORES DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

O dossiê Violência Obstétrica: “Parirás com Dor” Ciello *et al.*, (2012), elaborado pela Rede Parto do Princípio, explora de maneira aprofundada as experiências de maternidade, parto e as vivências das mulheres no contexto da assistência obstétrica.

A obra reúne relatos de mulheres que passaram por diferentes tipos de atendimento no momento do parto, destacando como certas condutas adotadas por profissionais de saúde, muitas vezes justificadas por normas ou práticas institucionalizadas que podem colocar em risco não apenas a vida da mulher e do bebê, mas também comprometer sua integridade física e emocional.

Essas práticas, classificadas como violência obstétrica, incluem intervenções médicas desnecessárias, desrespeito à autonomia da mulher, pressões psicológicas e até mesmo ações que causam sofrimento físico ou emocional. Desta forma, o livro propõe uma reflexão crítica sobre esses procedimentos e a necessidade de uma abordagem mais humanizada e respeitosa no cuidado à gestante, visando a proteção dos direitos e da dignidade da mulher em um dos momentos mais importantes de sua vida.

A título de exemplo, Ciello *et al.*, (2012) enfatiza a necessidade de ilustrar alguns procedimentos com base nas narrativas de relatos de vítimas desse tipo de violência.

- *“Quando eu o ouvi pedindo o bisturi, meu Deus, quase morri! Eu pedi para que não fizesse a episio, mas ele me respondeu: ‘O seguro morreu de velho. Quem manda aqui sou eu’”* (Parirás com Dor, 2012, p. 83).

- *“Uma enfermeira me disse pra parar de falar e respirar direito senão meu bebê iria nascer com algum retardo por falta de oxigenação”* (Parirás com Dor, 2012, p. 134).

- *“Eu digo para as grávidas: ‘se não ficar quieta, eu vou te furar todinha’. Eu aguento esse monte de mulher fresca?”* (Parirás com Dor, 2012, p. 134).

- *“Quando o médico chegou, pedi para deixar o meu marido entrar. Ele não quis deixar, mas meu marido estava com o papel da Lei que permite acompanhante no parto e ele mostrou para o médico. O médico se virou para*

o meu marido e disse 'Então eu vou embora e você faz o parto.' (Parirás com Dor, 2012, p. 65).

A negação de um acompanhante é um indício de violência, visto que por direito a mulher é amparada pela lei a escolher quem estará ao seu lado durante o pré-parto, o parto e o pós-parto imediato. Sobre isso, a Lei n. 11.108, de 7 de abril de 2005, no art. 19-], § 1º, legisla:

Art. 19-J. Os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde - SUS, da rede própria ou conveniada, ficam obrigados a permitir a presença, junto à parturiente, de 1 (um) acompanhante durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato. § 1º O acompanhante de que trata o caput deste artigo será indicado pela parturiente. (BRASIL, 2005)

Existem diversos sinais que são consideráveis indicativos, sendo um dos principais, a ausência de consentimento para procedimentos, pois isso se caracteriza como uma ação invasiva e possivelmente traumática, resultando em uma gama de danos à saúde física e emocional da vítima. (Nascimento, 2017). No próximo tópico, serão apresentados as consequências e as possíveis intervenções psicológicas neste contexto.

2.3 CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA E INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS

Os impactos negativos da violência obstétrica, tanto físicos quanto emocionais, podem comprometer o bem-estar das mulheres no período pós-parto. Muitas relatam ter enfrentado transtorno de estresse pós-traumático e depressão pós-parto em decorrência de experiências estressantes e humilhantes durante o parto, especialmente quando submetidas a procedimentos médicos coercitivos ou realizados sem seu consentimento (Ribeiro, 2017).

Silva e Araújo (2017) acrescentam que, a gestação é um período marcado por episódios de vulnerabilidade e fragilidade emocional, e diante da violência obstétrica, é possível ocasionar situações de estresse, quadros associados a ansiedade, resultando em graves riscos à saúde emocional possibilitando então a possíveis transtornos psicológicos. De acordo com essa vivência no período gestacional, as condições emocionais e físicas se intensificam, principalmente diante a uma violência.

O papel do psicólogo na obstetrícia é primordial, por facilitar o processo emocional no atendimento de pacientes e envolvidos. A terapia cognitivo-comportamental é uma abordagem eficaz, especialmente na intervenção em casos de

violência obstétrica (Nascimento, 2017).

Na visão de Souza e Valente (2016), enfatiza-se a importância da participação do psicólogo desde o início da gravidez, oferecendo preparo, acolhimento e escuta qualificada em todas as fases gestacionais. Ressalta-se a necessidade de especialização em psicologia obstétrica para auxiliar na superação dos danos causados pela violência obstétrica.

A Psicologia deve validar esse sofrimento, oferecendo visibilidade e construção de análises que desfazem essa exposição, sendo no ambiente hospitalar ou no ambiente médico, voltando para uma visão interdisciplinar e transdisciplinar (Portela, 2017).

O papel da Psicologia nesse ambiente é voltado para a psicologia perinatal, podendo ajudar a gestante desde a descoberta da gravidez até o pós-parto, alcançando os motivos que levaram a mulher a planejar ou não aquela gestação (Andrade, 2022).

3. METODOLOGIA

Este estudo é uma pesquisa bibliográfica que foi realizada por meio de uma revisão integrativa. Esse método analisa estudos relevantes para sintetizar conhecimentos e identificar lacunas no tema abordado. O processo envolve a definição de um objetivo claro, a busca por literatura pertinente, a avaliação crítica dos estudos selecionados e a análise dos dados coletados. Dessa forma, é reconhecida como uma abordagem abrangente do tema, conectando diferentes tipos de pesquisa e enriquecendo o debate sobre métodos e possíveis direções futuras, além de favorecer a tomada de decisões baseadas em evidências (Mendes, *et al.*, 2008).

Foram utilizadas as bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Google Acadêmico e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), sendo esta última especializada em publicações na área de Psicologia. Essas bases de dados, de acesso gratuito, foram pesquisadas com as palavras-chave: “violência obstétrica”, “consequências da violência obstétrica” e “psicologia e violência obstétrica”.

Os critérios de inclusão para a elaboração deste trabalho abarcaram produções literárias entre 2014 e 2024. Foram considerados artigos que abordassem a Psicologia em relação à violência obstétrica, especialmente no contexto hospitalar e durante o parto. A seleção priorizou aqueles que apresentassem definições claras, principais formas de violência obstétrica e o papel do psicólogo diante dessa questão.

Os critérios de exclusão foram artigos de língua estrangeira, artigos que eram

meramente opinativos, sem base em pesquisa, estudos que abordavam a violência obstétrica fora do contexto hospitalar, pesquisas anteriores ao recorte temporal. Assim foram incluídos para esta revisão 09 artigos por enquadrarem-se aos critérios de análise e a pergunta norteadora.

Este estudo não necessitou de avaliação de Comitê de Ética, por não ser uma análise com seres humanos conforme a Resolução 466/12 do Comitê de Ética.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa trouxe como resultados um panorama de estudos sobre violência obstétrica no Brasil e assim no quadro 1 será visualizado os principais autores e suas pesquisas sobre este tema, configurando assim o panorama da violência obstétrica no Brasil.

QUADRO 1 – Artigos utilizados para a pesquisa

Autor	Título	Método	Objetivo	Resultados
Diniz (2015)	Violência obstétrica como questão para a saúde pública no Brasil: Origens, definições, tipologia, impactos sobre a saúde materna, e propostas para sua prevenção	Revisão de literatura.	Discutir a complexa causalidade destas formas de violência.	A pesquisa aponta que, a violência obstétrica é um problema de saúde pública complexo, com causas diversas e crescente relevância, afetando significativamente a saúde de mães e recém-nascidos.
Pereira et al (2016)	Violência obstétrica: ofensa à dignidade humana	Revisão de literatura.	Esclarecer as variadas formas de violência obstétrica, abordar os princípios bioéticos que são negligenciados e a violação dos direitos das mulheres.	A pesquisa indica que é necessário revisar as atitudes dos profissionais de saúde, com o objetivo de alcançar a excelência na prestação de serviços e valorizar a dignidade humana.
Souza e Valente (2016)	Violência obstétrica: um desafio para Psicologia	Levantamento bibliográfico.	Investigar a violência obstétrica no contexto da saúde pública.	O estudo tem como resultado a constatação de que é fundamental que a prática da psicologia possa se deslocar para além da escuta diagnóstica, mas se volte para a significância de uma formação de empoderamento das mulheres usuárias da rede de saúde e assistência.
Barbosa Mota (2016)	Violência obstétrica: vivências de sofrimento entre gestantes do Brasil	Revisão de literatura.	O objetivo foi abordar as práticas de violência obstétrica que ocorrem nas maternidades durante o parto, suas implicações no bem-estar subjetivo das mulheres e as relações sociais que sustentam essas práticas.	O resultado busca contribuir para o fortalecimento de mulheres e profissionais de saúde na superação de relações desiguais e violentas, promovendo assim a saúde mental das mulheres e sua autonomia.
Ribeiro (2017)	Significados da maternidade para mulheres que vivenciaram a violência obstétrica	Estudo qualitativo e exploratório.	Compreender como as mulheres que vivenciaram a violência obstétrica constroem os significados da maternidade.	O estudo mostrou que todas as participantes sofreram violência obstétrica, incluindo a negação do direito a um acompanhante, procedimentos sem consentimento, como ocitocina sintética e episiotomia, e ausência de analgesia.
Silva e	Sentimentos causados	Estudo	Apreender sobre	Os resultados apontam que as

Araújo (2017)	pela violência obstétrica em mulheres de município do nordeste brasileiro	descritivo e exploratório.	sentimentos causados pela violência obstétrica em mulheres.	mulheres identificam a violência obstétrica e expressam sentimentos extensos, como medo, angústia, indignação e raiva, especialmente pela ausência de punição para este tipo de violência.
Portela (2017)	A psicologia dialogando com a violência obstétrica e o direito da mulher: uma revisão bibliográfica	Revisão bibliográfica.	Levantar uma reflexão com bases na Psicologia, uma vez que percebemos que a abordagem da temática ainda está no campo de outras áreas da saúde.	Esta revisão teve como objetivo entender o contexto da assistência ao parto e fortalecer tanto as mulheres quanto os trabalhadores da saúde para superar relações desiguais e violentas. O foco é promover a saúde mental das mulheres e sua autonomia. O texto argumenta que resgatar a humanidade no atendimento é fundamental para combater a violência, que se opõe ao diálogo e nega a humanidade do outro.
Nascimento (2021)	Relato de puérperas acerca da violência obstétrica nos serviços públicos	Estudo exploratório, descritivo, com abordagem qualitativa.	O objetivo foi desvelar as formas de violências obstétricas sofridas durante a gestação e o parto a partir de relatos de puérperas	O estudo conclui que a dor, exames abusivos repetitivos, manobras sem evidências científicas de qualquer benefício e o descaso são as principais formas de violência obstétrica.
Andrade (2022)	Parir ante a violência: Atuação do psicólogo diante da violência obstétrica	Revisão de literatura.	Objetiva o papel do psicólogo perinatal diante da violência obstétrica.	Os resultados revelam a visível importância do acompanhamento terapêutico tanto com gestantes como com puérperas.

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Neste segmento, são apresentados os resultados obtidos por meio do quadro detalhado, que ilustra de maneira abrangente as correlações entre os autores ao longo da pesquisa. Os dados foram organizados de forma a facilitar a interpretação e compreensão das diferentes variáveis. A partir do Quadro 1, é possível observar um recorte temporal das publicações dos últimos dez anos, entre 2014 e 2024.

Esses dados são corroborados pelos estudos de Diniz (2015) e Pereira *et al.* (2016), que abordam as diversas formas de violência obstétrica, definindo suas características e causas.

O Dossiê Parto do Princípio, Ciello *et al.* (2012), enfatiza relatos vivenciados por mulheres durante o período de gestação, defendendo a ideia de que a mulher precisa de autonomia para decisões que envolvam seu corpo e suas vontades durante este momento. Defendem um parto humanizado com assistência destacando a relevância de políticas de saúde que incentivem um atendimento mais humano e respeitoso.

De acordo com Ribeiro (2017), ao se referir aos danos da violência obstétrica seus estudos são compatíveis com as ideias de Silva e Araújo (2017) que salientam as consequências psicológicas desta violência as vítimas que sofreram com esse episódio.

Andrade (2022), aduz a importância do acompanhamento psicológico com as gestantes e puerperais, nesse mesmo sentido Portela (2017), contribui para a análise

dos trabalhadores da saúde diante a esse fato.

O silêncio de mulheres vítimas desse tipo de violência pode ser atribuído a diversos fatores que refletem nos aspectos individuais quanto sociais. Como bem acentua Diniz *et al.*, (2018), as mulheres temem que relatar a violência possa resultar em retaliações por parte dos profissionais de saúde ou da instituição, o que as leva a optar pelo silêncio.

Além disso, algumas vítimas podem ter vivenciado experiências traumáticas que as tornam hesitantes em discutir e reviver esses momentos. O medo de serem julgadas ou desacreditadas pode fazer com que elas sintam vergonha e relutância em se manifestar.

Assim, o papel do psicólogo, evidenciado nos estudos de Andrade (2022) e Portela (2017), destaca a importância de sua atuação além da escuta ativa e do acolhimento, focando também no preparo de mulheres empoderadas que não se silenciem diante da violência, mas que estejam preparadas para denunciar e transformar essa prática recorrente no ambiente hospitalar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar o papel do psicólogo no enfrentamento da violência obstétrica. Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente a definição de violência obstétrica e suas manifestações recorrentes na vida das mulheres que a sofrem, muitas vezes em silêncio, por não entenderem completamente o que estão vivenciando.

Em relação à temática proposta, observou-se que as consequências psicológicas decorrentes dessa violência são um aspecto crucial, tornando essencial a análise das vidas dessas vítimas. Os estudos coletados indicaram que a violência obstétrica é perpetrada por profissionais da saúde, especialmente pela equipe de enfermagem, e ocorre durante o parto. Essa forma de violência causa não apenas danos psicológicos, mas também traumas que podem perdurar por muitos anos.

É importante destacar que o papel do psicólogo é fundamental para oferecer apoio emocional, acolhimento e preparo desde a gestação até o puerpério ajudando as mulheres a tornarem-se empoderadas quanto a própria maternidade, e que passem de vítimas a protagonistas da própria história, denunciando qualquer ato que seja considerado violência, por isso a importância do trabalho da Psicologia, oferecendo suporte e esclarecimentos sobre quais estes indicadores de violência, pois em muitas

vezes a vítima, quando não esclarecida, entende que aquilo que vivenciou é algo normal diante daquela situação específica.

O trabalho do psicólogo hospitalar diante da violência obstétrica pode ir além do acolhimento, escuta e psicoeducação, envolvendo também a área de Avaliação Psicológica, com o uso de testes projetivos e expressivos. Os dados obtidos podem ser transformados em conhecimento científico, contribuindo para novas pesquisas em Psicologia Hospitalar no contexto da violência obstétrica. A pesquisa realizada identificou uma lacuna teórica, ou seja, há uma falta de estudos que evidenciem como está sendo realizada a avaliação psicológica das vítimas, sendo essa uma sugestão para futuras investigações nessa área.

Portanto, conclui-se que o trabalho do psicólogo é fundamental neste contexto, mas que a Psicologia pode contribuir ainda mais por meio de novas pesquisas, criando instrumentos psicológicos que possibilitem uma identificação mais precisa das vítimas desse tipo de violência. Assim, o objetivo da pesquisa foi alcançado ao destacar a necessidade de os profissionais da área se manterem constantemente atualizados sobre os desafios dessa temática, não apenas atuando no acolhimento, como já mencionado, mas também contribuindo com pesquisas e novos estudos sobre violência obstétrica.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Sara. **Parir ante à Violência: Atuação do psicólogo diante da violência obstétrica.**2022. p.29. Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Psicologia – Faculdade Anhanguera, Piracicaba, 2022. Disponível em: https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/66744/1/SARA_TORRES_D E.pdf. Acesso em: 03 nov. 2024.
- BARBOZA, Luciana; MOTA, Alessivânia. Violência Obstétrica. Vivências de sofrimento entre gestantes do Brasil. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde.**, Salvador.2016;5(1), fev. 2016. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/847>. Acesso em 10 ago. 2024.
- BRASIL.** Lei nº 11.108, de 7 de abril de 2005. Altera a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 8 abr. 2005. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/570557#:~:text=Altera%20a%20Lei%20n%C2%BA%208.080,Sistema%20C3%9Anico%20de%20Sa%C3%BAde%20%2D%20SUS>. Acesso em: 04 nov. 2024.
- CIELLO, C; *et al.* **Dossiê da Violência Obstétrica: “Parirás com dor – Parto do Princípio – Mulheres em Rede pela Maternidade Ativa”.** 2012. Disponível em: https://www.partodoprincipio.com.br/files/ugd/2a51ae_6f70af0dbb714e0894a5f84d96318a3f.pdf. Acesso em: 9 nov. 2024.

DINIZ, S.G; *et al.* **Violência obstétrica como questão para a saúde pública no Brasil: origens, definições, tipologia, impactos sobre a saúde materna e propostas para sua prevenção.** J. Hum. 2015, vol.25, n.3, pp.377-384. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v25n3/pt_19.pdf . Acesso em: 09 out. 2024.

MENDES, K. D; *et al.* **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto e contexto - Enfermagem**, v. 17, n. 4. p. 758-764, out. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 10 out.2024.

NASCIMENTO, L. C; *et al.* **Relato de puérperas acerca da violência obstétrica nos serviços públicos. Revista de Enfermagem da UFPE**, Recife, v. 11, supl. 5, p. 2014-23, maio., 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-31497>. Acesso em: 25 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. (2014). **Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde.** Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/prevencao-e-eliminacao-de-abusos-desrespeito-e-maus-tratos>. Acesso em: 24 ago. 2024.

PALMA, C. C.; DONELLI, T. M. S. Violência obstétrica em mulheres brasileiras. **Rev. Psico**, [S. I.], v. 48, n. 3, p. 216–230, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/25161>. Acesso em: 28 set. 2024.

Pereira, J. S; *et al.* (2016). Violência obstétrica: ofensa à dignidade humana. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, 15(1), 103-108. Disponível em <http://www.mastereditora.com.br/bjscr>. Acesso em: 15 set. 2024.

PORTELA, A. R. P.; SILVA, E. N. **A psicologia dialogando com a violência obstétrica e o direito da mulher: uma revisão bibliográfica.** Faculdade Frassinetti do Recife, Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_M D1_SA2_ID731_18062017030922.pdf. Acesso em: 03 nov. 2024.

RIBEIRO, P. B. **Significados da maternidade para mulheres que vivenciaram a violência obstétrica.** 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/24060/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20vers%c3%a3o%20final.pdf> . Acesso em 30 set. 2024.

SILVA, F. M; *et al.* Sentimentos causados pela violência obstétrica em mulheres de município do nordeste brasileiro. **Revista Prevenção de Infecção em Saúde**, v. 3, n. 4, p. 25-34, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/nupcis/article/view/6924>. Acesso em 29 set 2024.

SOUZA, A. C. A; VALENTE, M. B. B. Violência obstétrica: um desafio para a psicologia. **Revista Humana**. Recife, v. 10, n. 1, p. 1-11, 2016. Disponível em: <https://revistas.esuda.edu.br/index.php/humanae/article/view/521/152> . Acesso em 27 out 2024.